

EDITORIAL

Nesta edição publicamos 11 artigos, sendo 3 artigos de diferentes temas e 9 artigos que compõem o Dossiê: A MOBILIZAÇÃO DO CONCEITO DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, organizado pelas editoras convidadas Celi Espasandin Lopes, Universidade Cruzeiro do Sul e Patricia Corrêa Santos, Instituto Federal Baiano. E duas resenhas fecham a edição.

O ano de 2021 se inicia sob a sombra da transcorrência de uma das mais graves pandemias da história moderna. Com a esperança de vacina ao público para a COVID19. A Pandemia revela a necessidade de, no âmbito educacional, destacar o que não parece tão óbvio, a relevância da formação humana, que foi relegada a um segundo plano em detrimento de uma cientificidade, que traduz uma relação puramente pragmática e utilitária subsumida à racionalidade instrumental. Entretanto, neste momento histórico, assistimos impotentes às diferentes formas de negacionismo da racionalidade científica.

Sendo assim, trazemos neste número a preocupação com a formação humana dos indivíduos, no conteúdo proposto em nossos artigos de demanda contínua e artigos que compõem o dossiê: A MOBILIZAÇÃO DO CONCEITO DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO. São autores da comunidade acadêmica e, colaborando para a educação acadêmica e científica em sua ponta institucional. Mas, também, de outra parte, convidando pela instigação da curiosidade e dos interesses das pessoas que desejem integrar este esforço.

Apresentamos os artigos que compõem diferentes temas.

Raquel Aparecida Batista e Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama, no artigo intitulado: FOTONARRATIVAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS PERCEPÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, apresentam resultados parciais da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - Campus de Sorocaba. Tendo como objeto de estudo a prática pedagógica da pesquisadora e de três professoras da Educação Infantil. A pesquisa buscou responder o seguinte questionamento: Quais percepções de gênero se revelam nas práticas pedagógicas das professoras de Educação Infantil? Para responder tal questão o estudo estruturou-se dentro da perspectiva qualitativa e utilizou-se como produção de dados a construção de narrativas (oral e escrita) a partir de fotografias da prática pedagógica das docentes participantes da pesquisa. Os resultados evidenciam que as percepções sobre gênero das professoras pesquisadas, em alguns momentos demonstram priorizar aspectos biológicos, em outros aspectos sociais, no entanto existe por parte

delas a intenção consciente de romper com certos modelos hegemônicos e promover práticas motivadoras de equidade de gênero.

Com o artigo: IMPLEMENTANDO DIRETRIZES DE GÊNERO NA ESCOLA: ENTRE A OBEDIÊNCIA LEGAL E CULTURAL, Marina Katurchi Exner, Marcela Garcia Corrêa, Gabriela Lotta e Marta Ferreira Santos Farah apresentam o debate acerca das perspectivas de gênero na educação vem se fortalecendo em produções acadêmicas e em normativas internacionais. A partir dos conceitos de burocracia de nível de rua e de gênero, exploramos os obstáculos postos a professoras em implementar as orientações de documentos normativos brasileiros que defendem a incorporação da perspectiva de gênero na educação. Realizamos uma análise documental de diretrizes que norteiam a política educacional brasileira e que incluem a dimensão de gênero. Em seguida, desenvolvemos uma revisão integrativa de literatura, de modo a revisitar o conhecimento já construído em 26 pesquisas empíricas nacionais - dos campos teóricos de Gênero, Psicologia e Educação -, sobre relações de gênero e reproduções de estereótipos na escola, ilustrando, assim, como as temáticas tratadas neste estudo são abordadas empiricamente. Concluimos que as diretrizes analisadas são ambíguas – frutos de disputas políticas –, e pouco acessíveis para as professoras, que, imersas em um contexto histórica e socialmente definido por desigualdades de gênero, tendem a reproduzir padrões e comportamentos conflitantes com aqueles estabelecidos nos documentos.

Aline Cedro de Souza e Adelina Novaes, com o artigo: O PROFESSOR E O “ALUNO-PROBLEMA” – UM FENÔMENO SOCIAL, resgatam a noção aluno-problema que decorre de fenômeno social ancorado em experimentos médico-pedagógicos e planos de aceleração da formação educacional, mantendo estreita relação com a produção do fracasso escolar. Neste texto, buscou-se explorar o universo semântico produzido por 71 professores de Ensino Fundamental I da cidade de Arujá, no estado de São Paulo, com o intuito de debater elementos associados à constituição de representações sociais. Por meio da técnica de associação livre de palavras, os participantes do estudo puderam apresentar as quatro primeiras palavras elucidadas em suas mentes quando expostos ao termo indutor aluno-problema. As informações foram organizadas e processadas com o apoio da estatística computacional Iramuteq. Os elementos aqui reunidos e debatidos anunciam a constituição, pelos docentes, de uma representação social sobre aluno-problema centrada na família, o que sugere que o fato de a criança-aluno apresentar algum desarranjo comportamental no ambiente escolar significa um movimento de radicalização do estranho (áster) para seu professor o qual, prontamente, associa tal fenômeno à falta de estrutura familiar.

Passamos a apresentar os artigos que compõem o Dossiê: A MOBILIZAÇÃO DO CONCEITO DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NAS PESQUISAS EM

EDUCAÇÃO, como mencionado acima o referido dossiê foi organizado pelas editoras convidadas Celi Espasandin Lopes, Universidade Cruzeiro do Sul e Patricia Corrêa Santos, Instituto Federal Baiano.

No primeiro artigo, Josane Geralda Barbosa, no artigo intitulado: O CONCEITO DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA E A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA BRASILEIRA, situa como o conceito de insubordinação criativa adentrou no campo da educação matemática brasileira, a partir da realização de uma investigação qualitativa, com aportes teóricos e metodológicos na pesquisa (auto)biográfica. Apresenta uma narrativa da professora Dra. Celi Espasandin Lopes ao relatar a sua aproximação com o conceito, o significado dele e refletiu sobre algumas repercussões dessa proximidade. Seus estudos foram, em grande parte, realizados em parceria com a professora Dra. Beatriz Silva D'Ambrosio. Observa-se que a aproximação de ambas as professoras com o conceito mobilizou professores e pesquisadores da educação matemática brasileira nas pesquisas e escritas científicas, assim como nas suas práticas docentes.

Em seguida Carla Cristina Goulart Farias, Monica Regina Ferreira Lins e Gabriela Félix Brião, no artigo intitulado: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UM CONVITE À INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA, trazem e promovem reflexões quanto a necessidade urgente de práticas educativas que contemplem a luta antirracista, traçando de forma histórica a inserção dos negros no sistema educacional brasileiro como um ato em si insubordinado, que rompe com as aspirações sociais e políticas no decorrer da História. Apontam para a relevância do docente que, inserido na luta pela educação democrática e antirracista, invista na qualidade de vida e de aprendizagem dos educandos, rompendo com os padrões eurocêntricos enraizados no sistema educacional brasileiro e de forma ética, sendo insubordinado criativamente.

O texto de Roberta Schnorr Buehring, Regina Célia Grando e Sandra Regina Engelke, no artigo intitulado: SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADA: INSUBORDINAÇÕES CRIATIVAS COM VÍDEO GRAVAÇÃO NA PESQUISA NARRATIVA, conta a história de pesquisa de tese de doutorado de uma pesquisadora e professora que utilizou vídeo gravação como recurso de produção de dados de uma pesquisa narrativa com foco no pensamento estatístico na infância. Apresenta os caminhos tomados para a produção de dados e a escrita da tese, bem como os trajetos insubordinados que o trabalho tomou a partir do olhar para os vídeos e a ajuda de colegas de grupo de pesquisa que cuidavam das filmagens e que acabaram se tornando parceiras por lançarem seus olhares críticos através das lentes da câmera. O processo de colaboração e reflexão envolto nas filmagens propiciou a percepção não apenas do que acontece diante das câmeras, mas por detrás delas, a percepção

do antes e depois da filmagem e até mesmo as coisas que não foram filmadas, mas sentidas e ficaram gravadas na memória.

Tiago Cardoso Silveira e Celi Aparecida Espasandin Lopes, no artigo intitulado: PROFESSORAS FORMADORAS REVELAM AÇÕES DE INSUBORDINAÇÃO, os autores trazem discussões, provocadas sobre os atos de insubordinação criativa revelados em narrativas de duas professoras de matemática, que atuaram como formadoras de professores que ensinam matemática na rede de ensino do estado de São Paulo, apontam para indícios de subversão responsável presentes na trajetória dessas profissionais. Apresentam-se evidências das ações criativamente insubordinadas das professoras ao desenvolverem formações que levassem os professores que ensinam matemática a pensar de forma crítica e ajudar na elaboração de atividades que pudessem contribuir para aprendizagem de seus alunos.

Jéssica Lins de Souza, no artigo intitulado: “É DEVAGAR, DEVAGARINHO”: INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA COMO SUPORTE A UMA INVESTIGAÇÃO ETNOMATEMÁTICA, ao considerar que um dos desafios das pesquisas com Etnomatemática é o de pensar em práticas de pesquisa que não se limitem às metodologias próprias das pesquisas envolvendo a matemática acadêmica, a autora relata uma investigação etnomatemática com trabalhadoras/es e artistas dos barracões de carros alegóricos, fantasias e adereços das escolas de samba *Os Protegidos da Princesa e Embaixada Copa Lord*, de Florianópolis.

A partir de um curso de formação contínua para professores de matemática realizado em Portugal, Daniella Assemany e Cecília Costa, no artigo intitulado: AUTO(TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES PORTUGUESES, discutem propostas inovadoras baseadas em conexões matemáticas. Com o suporte teórico da Insubordinação Criativa consideram as contribuições deste curso para a auto(trans)formação docente e os elementos que possibilitaram a autoformação dos professores.

Em seguida, Valmíria Barcellos Pereira e Marcelo Oliveira Dias, no artigo intitulado: A BNCC DE MATEMÁTICA PARA OS ANOS FINAIS NO CONTEXTO DE PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE AUTONOMIA DO PROFESSOR, trazem um excerto, que visa por meio de ferramentas analíticas de Michel Foucault, problematizar as tensões advindas com a instituição da Base Nacional Comum Curricular e seus desdobramentos no cotidiano docente. Trata-se de estudo qualitativo com quatro professores de Matemática da rede municipal de Miracema, município situado na região noroeste do Estado do Rio de Janeiro, que revelam um contexto de resistência ao que é imposto, emergindo da prática do professor, trazendo indicações de que a escola pública resiste em face de uma prescrição curricular única.

Com foco sobre as formas de avaliação a partir do fechamento das escolas em 2020, Filipe Novôa Vaz, Lilian Nasser e Daniel de Oliveira Lima, no artigo intitulado: AVALIAR PARA APRENDER: UM ATO DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA, debatem as concepções de avaliação que atravessaram o século passado e apresentam práticas avaliativas insubordinadas dentro da sala de aula tradicional e dentro de ambientes virtuais de aprendizagem, revelando que é possível sair do paradigma positivista, e transformar a avaliação da aprendizagem em uma avaliação para a aprendizagem, mais construtivista, mais dialógica, mais inclusiva.

Marcelo Almeida Bairral, no artigo intitulado: ESCREVENDO SOBRE CUBO E ESTACIONANDO BICICLETAS: TAREFAS VISANDO À PROMOÇÃO DE PRÁTICAS INSUBORDINADAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, ao considerar um ensino de matemática orientado por tarefas, entendidas como estratégias didáticas pensadas pelo professor, de modo a promover o aprendizado no discente, discute a importância de um olhar cauteloso para a natureza da tarefa e sua potencialidade na produção do conhecimento nas pesquisas em educação matemática. O autor apresenta dois exemplos de tarefa propostos para a formação inicial de professores de matemática, destacando que essas tarefas geram aprendizagens e que, nesse caminhar interativo e de descobertas, de alunos e professores, afeto e consciência – requeridos na inteligência criativa – merecem atenção no olhar insubordinado na formação docente, quando tarefas entram em cena.

Para finalizar, apresentamos duas Resenhas. A primeira resenha, a autora Josane Geralda Barbosa, apresenta uma resenha sobre a TESE: EU, UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA EM JORNADA NARRATIVA EM BUSCA DE MEUS EUS-PROFESSORES EM AUTOFORMAÇÃO.

A segunda resenha das autoras Maria de Jesus Araújo Ribeiro e Ana Maria Araújo Mello, [CADERNO DE DIREITOS | 2020] RETORNO À CRECHE E À ESCOLA: DIREITOS DAS CRIANÇAS, SUAS FAMÍLIAS E SUAS/SEUS EDUCADORAS/ES - GESTORAS/ES, PROFESSORAS/ES E FUNCIONÁRIAS/OS.

Espero que façam uma boa leitura e desdobrem-se em outros estudos!

Margaréte May Berkenbrock-Rosito
Editora